

A cooperação Brasil e Angola por meio da pesquisa em educação¹

Isael de Jesus Sena

Doutorando em Educação pela UFMG em cotutela com a Université Paris 8

Marcelo Ricardo Pereira

Professor associado da UFMG

Maria de Fátima Cardoso Gomes

Professora associada da UFMG

Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir sobre o processo de implementação do LPPE (Laboratório de Psicologia, Psicanálise e Educação) em Cabinda, Angola, e a sua contribuição para a formação de pesquisadores engajados em responder aos desafios daquela sociedade. Sob a perspectiva etnográfica contrastiva/interpretativa, e com base nas entrevistas episódicas realizadas com quatro professores, identificamos que os mesmos apostam na relevância da cooperação internacional, como meio de fomento às pesquisas e às publicações do laboratório. Acreditam também no potencial intelectual da formação de rede de colaboradores, decorrentes da mobilidade acadêmica, como contribuidor para o aperfeiçoamento das práticas em curso. Este estudo ratifica a importância de fortalecer o movimento de internacionalização de universidades brasileiras sempre no viés colaborativo, e nunca colonizador.

Palavras chaves: cooperação; internacionalização; educação

Abstract

Brazil and Angola cooperation through research in education

This article aims to discuss the implementation process of the LPPE (Psychology, Psychoanalysis and Education Laboratory) in Cabinda, Angola, and its contribution to the training of researchers engaged in responding to the challenges of that society. From a contrastive / interpretative ethnographic perspective, and based on the episodic interviews conducted with four teachers, we have identified that they focus on the relevance of international cooperation, as a means of fostering research and publications of the Laboratory. They also believe in the intellectual potential of the formation of a collaborators' network, resulting from academic mobility, as a contributor to the improvement of current practices. This study ratifies the importance of strengthening the internationalization movement of Brazilian universities always in the collaborative bias; and never a colonizer one.

Keywords: cooperation; internationalization; education

¹ Pesquisa financiada pela CAPES, através do Programa Pró-Mobilidade Internacional CAPES/ AULP, processo n.º. 99999.000412/2016-03. Algumas noções gerais sobre este artigo foram apresentadas em forma de comunicação (Sentidos de ensino, pesquisa e extensão na perspectiva dos professores do ISCED/UON – em Cabinda/Angola) no XVIII Encontro da AULP – Patrimônio Histórico do Espaço Lusófono: Ciência, Arte e Cultura, realizado em Lubango, Angola, nos dias 19 e 20 de julho de 2018.

La cooperación Brasil y Angola a través de la investigación en educación

Este artículo tiene como objetivo discutir sobre el proceso de implementación del LPPE (Laboratorio de Psicología, Psicoanálisis y Educación), en Cabinda, Angola, y su contribución a la formación de investigadores comprometidos en responder a los desafíos de aquella sociedad. Bajo la perspectiva etnográfica contrastiva / interpretativa, y con base en las entrevistas episódicas realizadas con cuatro profesores, identificamos que los mismos apuestan en la relevancia de la cooperación internacional, como medio de fomento a las investigaciones y a las publicaciones del laboratorio. También creen en el potencial intelectual de la formación de redes de colaboradores, derivadas de la movilidad académica, como contribuidor para el perfeccionamiento de las prácticas en curso. Ese estudio ratifica la importancia de fortalecer el movimiento de internacionalización de universidades brasileñas siempre en el sesgo colaborativo; y nunca colonizador.

Palabras claves: cooperación; internacionalización; educación

Introdução

A internacionalização dos programas de pós-graduação em educação tem sido um passo decisivo e inovador, pois visa ampliar as interlocuções com outras universidades estrangeiras. No contexto da globalização, o conhecimento não se restringe mais às esferas internas dos departamentos de pesquisa. A Universidade Federal de Minas Gerais, como instituição de classe mundial, tem sido cada vez mais convocada a formar capital humano e a produzir conhecimentos científicos e tecnológicos de modo a responder aos desafios de uma economia competitiva e dinâmica do mundo.

Vinculada a essa concepção, notamos que a cooperação promove a formação de recursos humanos para desenvolver a pesquisa e oportuniza também o intercâmbio entre os colaboradores. Os estudos comprovam que o fomento à colaboração internacional ainda é bastante recente e as ações de internacionalização são iniciativas das associações profissionais, dos próprios pesquisadores ou de grupos de pesquisas (SANTIN; VANZ; STUMPF, 2016). Nesse sentido, é importante ressaltar a observação de quais estudos demonstram que a maioria dos convênios estabelecidos entre as instituições universitárias acontecem como fruto do engajamento das relações interpessoais entre os pesquisadores. No entanto, advertem que, apesar do intenso investimento e da participação ativa dos professores, os quais contribuem inicialmente, não são suficientes, pois é necessário, além das iniciativas, publicarem conjuntamente os resultados das pesquisas. (DUARTE et al, 2012)

De uma perspectiva histórica ampla, o dialogo além-fronteiras constitui um dos objetivos do papel da universidade. A Conferência Mundial sobre Educação Supe-

rior, realizada em 1998, representou um marco significativo nesta discussão. Naquela ocasião, a Declaração de Paris acentuou enfaticamente a necessidade de a universidade compartilhar conhecimentos teóricos e práticos entre países e continentes. Percebe-se, através desta discussão, o papel que a educação tem como estratégia para o desenvolvimento dos países, além do reconhecimento de que a educação superior é um bem público. (PANIZZI, 2006).

Dentro desta perspectiva, a internacionalização do conhecimento tornou-se um fato incontestável. Assim, acordos de cooperação internacional entre universidades, intercâmbios e mobilidade acadêmica, realizada tanto pelos professores, como pelos alunos, tornaram-se práticas comuns entre as universidades no mundo. Reconhece-se que essas práticas, mesmo considerando os aspectos culturais, econômicos, políticos e sociais de cada contexto, podem ser avaliadas de modo positivo no sentido de os encaminhamentos que a universidade vem realizando diante da complexidade das realidades sociais a serem superadas.

Dessa maneira, a cooperação entre universidades, e a diversidade inerente a cada uma, se somam ao saber nelas produzidos, que junto com as tecnologias podem contribuir de modo significativo para reduzir ou mesmo eliminar os efeitos perversos da globalização predatória, a qual inevitavelmente gera desigualdades profundas entre os povos e tem aumentado a pobreza no mundo. Nessa direção, a universidade é sem dúvida lócus no qual as realidades podem se reunir e frutificar, contribuindo desta forma para novos entendimentos sobre a vida, o mundo e os seres humanos. Ou seja, é papel da universidade, por meio da comunidade científica, contribuir no sentido de lidar com as complexas e difíceis interações, além disso ajudar a promover melhor qualidade de vida para os cidadãos (MELFI, 2006).

Nesse sentido, à luz do debate atual sobre acordos de cooperação internacional entre universidades, com objetivo de difundir o conhecimento e com base em pressupostos da pesquisa etnográfica contrastiva e interpretativa, discutimos sobre o processo de implementação do Laboratório de Psicologia, Psicanálise e Educação (LPPE) em Cabinda, Angola, e a sua importante contribuição para a formação de pesquisadores engajados em responder aos desafios daquela sociedade. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, realizada por meio de *missão de estudos e trabalho*, entre os meses de outubro a dezembro de 2016. Como estratégia para acessarmos as narrativas dos coordenadores de grupos operativos do LPPE, utilizamos a entrevista episódica, semiestruturada.

Os quatro professores entrevistados, responsáveis pela gestão dos grupos de trabalho, de modo geral, ratificaram a importância da cooperação internacional, por meio da parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, no sentido de fomentar as publicações das pesquisas produzidas pelo LPPE, e de ajudá-los também por meio de consultoria, mesmo considerando o atual contexto de crise econômica que Angola atravessa. Os coordenadores acreditam no potencial intelectual da formação de rede de colaboradores decorrentes da mobilidade acadêmica, pois ela possibilita as trocas de experiências entre professores e estudantes angolanos e brasileiros, contribuindo desta forma para o aperfeiçoamento das práticas em curso e para a resolução de problemas identificados pelas pesquisas no contexto de Cabinda.

Organizamos a discussão em quatro seções. Na primeira, abordamos pontualmente a relevância dos acordos de cooperação internacional entre universidades. Segundo, discutimos como ocorreu o projeto de implementação do laboratório. Terceiro, abordamos aspectos teórico-metodológicos. Quarto, analisamos especificamente o lugar da UFMG/Brasil na cooperação internacional com o Instituto Superior de Ciências da Educação da Universidade 11 de Novembro (ISCED/UON), no que tange à formação do pesquisador angolano e aos desafios socioculturais e econômicos locais frente à atual conjunta geopolítica.

A cooperação entre a FaE/UFMG e o ISCED/UON na implementação do LPPE

Pesquisas desenvolvidas em parcerias, mobilidade acadêmica internacional de docentes e discentes de diversas áreas do conhecimento, vinculados aos programas de pós-graduação das universidades públicas, no Brasil, têm sido uma prática comum no contexto da internacionalização. Para Brown e Lauder (2013), a economia do conhecimento, como sendo decorrente dos benefícios da globalização, vem disseminando a ideia de que aqueles que investem em educação têm maiores chances e recompensas frente à competitividade do mundo globalizado.

Gazzola (2006) defende que a cooperação entre as universidades, o fortalecimento de blocos regionais, diplomas compartilhados, acolhimento mútuo de alunos, na graduação e na pós-graduação, além da colaboração científica e tecnológica ou cultural, expressam o papel da universidade no século XXI.

A construção de uma identidade regional, longe de ser apenas um conjunto de afirmações retóricas, traz repercussões concretas para o Atlântico Sul. Tais esforços auxiliam na ampliação do espaço no qual o Brasil tem condições de projetar sua influência – mesmo além da fronteira marítima (ABDENUR; SOUZA NETO, 2014, p. 6).

No que tange especificamente ao contexto sociocultural desta pesquisa, o Instituto Superior de Ciências da Educação de Cabinda (ISCED-Cabinda) está integrado à Universidade 11 de Novembro, como uma das suas Unidades Orgânicas, tal como se constata no art.10º do Decreto n.º 7/9, de 12 de maio do Conselho de Ministros da República de Angola. O instituto oferece atualmente os cursos de graduação em Pedagogia, com duas saídas profissionais (Ensino Primário e Gestão e Supervisão Escolar), Ensino de Biologia, Ensino de História, Ensino de Língua Portuguesa, Ensino de Língua Inglesa, Ensino da Matemática e Ensino de Psicologia, estando em projeção cursos de pós-graduação em nível de mestrado em Metodologias de Ensino, Ensino da Matemática e Psicologia Escolar. Em se tratando da estrutura investigativa, conta-se com o Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais (CEPEd).

De parte do ISCED/UON, fincado no enclave de Cabinda, na República de Angola, a prática de seus professores reflete os estragos e sofrimentos vividos nos anos de conflitos armados desde sua libertação dos portugueses em 1975 até o fim da guerra civil em 2002. Depois disto, o país vem enfrentando diversos desafios, em especial, o de tornar-se uma nação moderna, formada por expressiva diversidade étnica e política, muitas vezes antagônica entre si. Descrever a realidade político-social de Angola é bastante complexo, uma vez que os povos que constituem a nação angolana apresentam não só diferenças etnolinguísticas, mas também níveis díspares de integração social, política, educacional e econômica. No dizer de Bembe (2013), “nos anos 1970, Cabinda é emancipada e corajosamente incorporada na então futura República de Angola” (BEMBE, 2013, p. 38).

O ISCED funciona em instalações cedidas por uma escola pública do bairro Cabassango, na periferia da cidade de Cabinda, compondo-se de dois pavilhões onde se distribuem onze salas de aula, uma sala de informática, uma sala de leitura, dois gabinetes de decanos, uma sala de professores, uma sala de reprografia, uma sala de coordenação, um pátio e jardim. É importante observar que, sendo instalações adaptadas, existe um problema crônico de falta de espaço.

O Laboratório de Psicologia, Psicanálise e Educação do ISCED/UON foi implementado em 2015 e se encontra instalado, provisoriamente, em uma sala cedida

pela residência estudantil.

O projeto de fundação do laboratório foi financiado pelo Programa Pró-Mobilidade Internacional da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, em parceria com a Associação das Universidades de Língua Portuguesa – AULP. Este programa internacional de apoio à pesquisa e ao ensino tem por objetivo a estruturação, o fortalecimento e a internacionalização dos programas de graduação, pesquisa e pós-graduação das universidades integrantes da AULP, da qual fizeram parte as universidades protagonistas (UFMG e UON).

Na ocasião de sua estruturação, contou com a coordenação de três professores da FaE/UFMG, da equipe brasileira, e de um professor do ISCED, da equipe angolana. Durante o período do projeto, entre 2012 e 2017, convivemos com professores, estudantes, diretores e reitores das duas universidades por meio de *missões de trabalho e de estudo*, o que nos possibilitou contrastar e interpretar as duas realidades. Portanto, a nossa parceria iniciou-se em 2012, quando os professores do ISCED/UON vieram para Belo Horizonte estudar na FaE/UFMG, como mestrandos (21) e doutorandos (9). Essa parceria tem gerado outras frentes de trabalho como a do projeto em referência e de outros que estiveram em funcionamento na FaE/UFMG intermediados e financeiramente suportados pelo Programa de Pró-Mobilidade Internacional da CAPES/AULP, até final de 2017.

Para desenvolver o trabalho, valemos de nossa experiência brasileira como professores pesquisadores no Laboratório de Psicologia, Psicanálise e Educação FaE-UFMG, que desde 1968 vem formando pedagogos e professores de Educação Básica de diversas áreas. Ao longo desses anos, houve a criação da pós-graduação que hoje abriga diferentes linhas, laboratórios e grupos de pesquisa na FaE-UFMG – entre esses o laboratório em referência².

Consideramos o Laboratório do ISCED/UON como locus orgânico de todas as ações e iniciativas acadêmicas de psicologia, psicanálise e educação endereçadas e inscritas nele. Mais do que um mero espaço físico, o LPPE, em Cabinda, fundamenta linhas de pesquisa, reúne toda a produção na área e cria um sítio para onde se convergirão o ensino, a pesquisa e a extensão realizados pelo instituto.

² Na época de sua fundação, em 1998, sob o nome Laboratório de Psicologia da Educação Helena Antipoff.

Percurso teórico-metodológico

Desde a implementação do LPPE foi criado um organograma de funcionamento do laboratório, baseado metodologicamente no Grupo Operativo, proposto como técnica de pesquisa-intervenção pelo psicanalista Pichon-Rivière (PICHON-RIVIÈRE, 2000). O Grupo Operativo permite transformar uma situação coletiva em um campo de investigação e, ao mesmo tempo, de ação, de maneira não necessariamente diretiva, cujos sujeitos participantes tornam-se protagonistas ativos tanto na produção de conhecimento como nos sentidos das práticas culturais e dos valores morais que dão significado à sua experiência real. Essa técnica pauta-se numa dimensão social da psicanálise e nas possibilidades concretas de aprendizagem contínua e de protagonismo do sujeito e do grupo de produzir seu próprio referencial conceitual que seja *operativo* da realidade e de seu aprendizado.

No caso do LPPE-UON, percebemos que seus alunos e professores tinham pouco ou quase nenhum conhecimento e inserção em atividades mais elaboradas de publicação, de extensão, de pesquisa e mesmo de ensino. Assim, seguindo a proposição de Pichon-Rivière (2000), julgamos necessário criar *vínculos* e *tarefas* que unissem o corpo acadêmico no sentido de construir as bases fundantes do laboratório em que os sujeitos mais experientes ou conhecedores, ainda que não plenamente, auxiliam os outros com menos inserção ou domínio.

Com base nessa técnica e durante a implementação do LPPE, foram propostas a criação de cinco Grupos Operativos, como subdivisão, com vínculo e tarefas específicas para cada um, visando alcançar os objetivos redimensionados. Passamos, então, a contar com os seguintes Grupos Operativos: Grupo de Trabalhos (GT); Grupo de Publicação (GPU); Grupo de Ensino (GEN); Grupo de Pesquisa (GPE); e Grupo de Extensão (GEX). Cada grupo atuaria com objetivos específicos em prol do desenvolvimento das atividades voltadas ao laboratório.

Nota-se que, com essa iniciativa de implantação do laboratório, realizava-se uma verdadeira convulsão interna no sentido de ampliarmos conjuntamente a visão e o funcionamento seguindo os parâmetros de uma instituição acadêmica internacional. É notável o quanto a atuação universitária da UON se reduz quase que exclusivamente ao ensino e à formação dos licenciados nas áreas de ciências humanas e biológicas, mas pensamos que se fez nascer com o LPPE a necessidade de também atuar na extensão e na pesquisa, de ampliar o diálogo com a Psicanálise e a Psicologia, bem como de promover intercâmbios entre discentes e docentes, e possibilitar a promoção da

internacionalização da UON como um todo.

Decorrido um ano da implementação do laboratório, promovemos uma nova *missão de trabalho e estudo*, em 2016, constituída por um doutorando em educação, uma graduanda de pedagogia e a coordenadora do projeto, os quais tiveram como objetivo organizar o I Encontro Internacional de Psicologia, Psicanálise e Educação entre Angola e Brasil, evento no qual seriam apresentados os resultados das pesquisas desenvolvidas no âmbito da cooperação. Além disso, realizar uma pesquisa na qual deveríamos fazer um levantamento a respeito do que tinha sido produzido pelos coordenadores de cada Grupo de Trabalho, desde a inauguração do LPPE.

Para realizarmos essa pesquisa, com os coordenadores dos grupos operativos, lançamos mão do modelo de entrevista episódica, ajustando-a aos interesses de nossa investigação. De acordo com Flick (2012), a entrevista episódica é um instrumento para coletar informações a partir das narrativas de pessoas, considerando a experiência ou acontecimento. O conhecimento episódico está relacionado a circunstâncias concretas em torno do tempo, espaço, pessoas, acontecimentos e situações.

As entrevistas semiestruturadas, realizadas nas instalações do LPPE, continham três pautas que visavam conhecer os trabalhos desenvolvidos pelo coordenador de cada GT, desde a implantação do LPPE, principais percalços encontrados no planejamento e execução das propostas/atividades e possíveis contribuições oriundas da cooperação internacional com a UFMG. As entrevistas foram transcritas na íntegra, somando 80 minutos. Em razão de nosso recorte contextual, abordaremos especificamente o terceiro ponto da entrevista, uma vez que centra a discussão naquilo que tange à cooperação e sua contribuição para o desenvolvimento da pesquisa.

Em relação à análise das entrevistas, a perspectiva etnográfica contrastiva/interpretativa (GEERTZ, 1989; GREEN; DIXON; ZAHARLIC, 2005; GOMES; NEVES; DOMINICI, 2015) tem sido uma abordagem adotada pelo projeto inicial, e nos serviu de orientação e inspiração para compreendermos os sentidos atribuídos pelos coordenadores dos grupos operativos que geravam novos significados, diferentes daqueles instituídos em nossa própria universidade (UFMG). Tomando por base o referencial de Vigotski (1991), que entende a apropriação da realidade como uma construção dialética entre as pessoas, que acontece nos níveis individual e social, aquela realidade tão familiar (mesma língua, desigualdade econômica como marco das relações sociais, mesmo tipo de colonização), e tão diferente ao mesmo tempo, nos trouxe

novos significados para a compreensão do que ali se passava, conforme vamos explicitar na próxima seção.

O lugar da UFMG/Brasil na cooperação internacional com o ISCDE/UON

Quando aprofundamos a discussão sobre acordos de cooperação entre universidades, seguindo a lógica da internacionalização das práticas científicas, não devemos negligenciar em nossa análise, principalmente no que tange às ciências humanas, a dimensão da heterogeneidade social dos contextos dos países com o qual estabelecemos parcerias institucionais. Além disso, é preciso assinalar os determinantes econômico e político e o seu impacto na universidade que será responsável pela gestão dos recursos financeiros.

Outro aspecto igualmente importante refere-se à influência da dimensão sociocultural onde são desenvolvidas as experiências da pesquisa, a relação que as pessoas, nesse caso os professores angolanos, têm com o processo de pesquisar e a relação que estabelecem com a produção de conhecimento. Como mencionamos, o laboratório foi implementado em Cabinda, Angola, que atravessa uma grande crise econômica, a qual, de certo modo, impacta diretamente a universidade e os projetos nela desenvolvidos, conforme declara um dos entrevistados.

Primeiro, quero dizer que há boas relações entre a UFMG e o ISCED, concretamente a FaE. Não tem como não haver boas relações porque todos nós nos formamos lá. Dentro do nosso convênio, somos 9 doutores e talvez 29 mestres. Imagine, não temos palavras de agradecimento, elas se escasseiam [se emociona]. São palavras, enfim, não sei. Mas, em suma, são boas relações extraordinárias que começaram a partir do convênio que tivemos lá. Então, a parceria já existe, precisamos reforçar esta parceria e ver o que pode ser útil ajudar tendo em conta a conjuntura do mundo, da crise econômica que passou a assolar particularmente Angola. Porque muitas coisas estão mesmo complicadas, né!? E é uma situação complexa que eu não quero aprofundar [...] Quero um laboratório mais forte. Quero um laboratório atuante. Quero um laboratório que pesquisa. Os elementos componentes devem pesquisar, apostar no trabalho e trazerem resultados para serem publicados a nível internacional. E, para isso, o Brasil é o primeiro elemento a beneficiar desses resultados. E creio ver esta cooperação continuar. Mais brasileiros virem conhecer o contexto Angolano, particularmente aqui em Cabinda, e se houver alguma possibilidade, os angolanos mais presença no Brasil, na cooperação bilateral entre os dois países. (Coordenador do GT de Pesquisa).

Nesta narrativa, podemos abordar três aspectos apreendidos do relato do professor. Primeiro, destaca-se a contribuição da UFMG na formação dos mestres e doutores angolanos, a qual, além disso, contribuiu para a formação de vínculos de

trabalho e interpessoais duradouros. Segundo, a continuidade da parceria está fortemente condicionada ao aspecto econômico, tanto para o Brasil, como para Angola, o que indica que a crise financeira não se trata de um fenômeno isolado. Nesse ponto, o coordenador ressalta se tratar de “uma situação complexa”, embora curiosamente ele mesmo mencione não querer “aprofundar” a análise sobre este ponto, por se tratar de um aspecto que é objeto de bastante celeuma no espaço universitário, cujos representantes são indicados pelo partido político que comanda Angola há mais de quatro longas décadas. Curiosamente, Angola é um país com grandes reservas de petróleo, no entanto, vive um contraste social gritante em relação à distribuição de suas riquezas. Nessa perspectiva, Brás e Divovo (2017) assinalam ser estes grandes desafios que as universidades de Angola terão que enfrentar diante das condições materiais concretas face à crise econômica e financeira da 4ª República, isto é, no quinquênio 2017-2022 do Programa de Governo do Partido Movimento Popular de Libertação de Angola.

O terceiro aspecto diz respeito à visão do coordenador sobre o potencial do laboratório que deveria ser “atuante”, de modo a continuar desenvolvendo “pesquisas”. Nesse sentido, vislumbra-se que todos os demais coordenadores responsáveis deveriam “apostar no trabalho”. Neste ponto, especificamente, a parceria com a UFMG está associada a fomentar a publicação dos “resultados” das investigações que são desenvolvidas em Cabinda, inicialmente nos Trabalhos de Conclusão de Curso, resultados de pesquisas empíricas dos alunos dos cursos de licenciatura. Este ponto nos chama a atenção particularmente em razão dos elevados custos para a impressão de livros e a ausência ainda de revista indexada pelo ISCED.

Os estudos sobre a colaboração internacional demonstram que a cooperação entre pesquisadores de diversos países possibilita ampliar a capacidade da pesquisa e da troca de experiências. Ademais, observa-se também que tais estratégias contribuem para criar uma ponte entre as nações cujos laços políticos estão fragilizados por guerras ou conflitos econômicos. (SANTIN; VAN; STUMPF, 2016). Nesse sentido, como menciona o professor entrevistado, a “cooperação bilateral” poderia contribuir para dar visibilidade à produção que vem sendo feita em Cabinda.

Estudiosos sobre o ensino superior em Angola têm destacado o lugar privilegiado que a cooperação internacional tem para o desenvolvimento das universidades públicas daquele país. Reiteram privilegiar o estabelecimento de relações de cooperação com universidades e centros de investigação de referência mundial, com o propósito de obter delas o apoio necessário para assegurar uma docência de qualidade e a

prossecução da atividade de investigação científica em níveis adequados ao contexto internacional. (BUZA, 2012; CANGA; BUZA, 2015; CHOCOLATE; BRÁS, 2018).

O Brasil é visto pelos angolanos como país de vanguarda em relação à produção científica e às publicações internacionais. A UFMG, especificamente, pelo seu papel e cooperação estabelecida com a UON, torna-se a universidade de referência no sentido de poder contribuir, por exemplo, com a experiência que vem sendo realizada por meio da extensão universitária, como declara a coordenadora do GT de Extensão do LPPE/ISCED:

[...] Olha, primeiro, continuar com esta relação, de alguns brasileiros cá e alguns angolanos lá. Esta é a primeira. Especificamente a minha área, eu por exemplo, gostaria, porque durante as minhas investigações eu pude perceber que o Brasil está resolvido. Então, gostaria, se possível, um dia deste ser convidada a trabalhar algumas semanas, alguns dias, no Brasil, exatamente dentro deste programa de extensão universitária para beber mais um pouquinho da experiência e quiçá trazer aqui e contextualizar com aquilo, com a bagagem toda. Então, esta ideia seria uma mais valia, mas dentro de minha área que é extensão universitária. Agora, cada área é uma área, cada uma tem a sua especificidade. Algumas áreas talvez não precisem se deslocar. Porém, trazer alguém que já esteja a viver esta realidade e em conjunto trabalhar na prática. Porque talvez trazendo esta experiência possamos chegar com um material já preparado, apresentar, fazer uma exposição e as pessoas verem na prática deles. Falamos muito sobre, mas pouco fazemos. Repito, os professores precisam estar dentro disto. (Coordenadora do GT de Extensão)

Dessa narrativa, salta aos nossos olhos a percepção sobre a universidade brasileira como um espaço de trocas de experiências. Como dissemos anteriormente, a UFMG tornou-se uma referência para os pesquisadores de Cabinda que tiveram a oportunidade de concluir a pós-graduação no Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social. Nesse sentido, considerando a particularidade da extensão universitária no Brasil e em Angola, percebemos nitidamente o contraste entre os dois países como sendo consequência direta da tradição e do nível de investimento. A mobilidade docente, no caso da coordenadora da extensão, teria a função de ajudá-la a entrar em contato com os projetos que vêm sendo desenvolvidos pela UFMG e contextualizá-los com a realidade sociocultural do ISCED. Ao final, a professora, por um lado, constata entre os professores de Cabinda uma discrepância em seus discursos, a visão sobre a universidade e, por outro lado, a ausência de experiências de extensão, por exemplo, no que tange à formação continuada de professores.

Para Vêras e Souza (2016), a extensão universitária deve ser vista como uma das práticas acadêmicas com o maior potencial para interpretar as demandas apre-

sentadas pela sociedade. Isso implica socializar o conhecimento e promover o diálogo entre o saber científico e o saber popular. Além disso, o seu objetivo é também se comprometer com os problemas vivenciados pela sociedade.

Pela maneira como a coordenadora da extensão se expressou, por meio da mobilidade acadêmica com a UFMG, ela poderia aprimorar seus conhecimentos por meio da parceria de uma prática solidária de internacionalização. Por outro lado, em outro momento da entrevista, a professora menciona que *“a universidade está dentro da sociedade e precisa oferecer os seus serviços e chegar mais próximo do cidadão”*. Nesse sentido, compreendemos predominar a visão assistencialista da extensão universitária. Para Jezine (2004), a visão do assistencialismo foi umas das primeiras concepções envolvendo a universidade e a sociedade. Tinha como objetivo levar o conhecimento à população. Não há uma relação de simetria. Tende a ser unívoca, girando em torno do “atendimento de necessidades sociais emergentes”. Caberia à universidade evocar para si as responsabilidades pela intervenção extramuros a partir do argumento do “compromisso social”, muitas vezes substitutivos da ação governamental. Essa visão sofreu a influência do modelo americano de extensão cooperativa, incorporada à prática universitária, como prestação de serviços sob a forma de cursos práticos, conferências e serviços técnicos e assistenciais.

Na perspectiva do coordenador do GT de Ensino e do coordenador do GT de Publicação, a experiência das políticas públicas que vêm sendo desenvolvidas pelo Brasil poderia ser contextualizada e servir de inspiração para contribuir de alguma forma frente aos problemas sociais vivenciados em Cabinda, como descrevem ambos os professores em seguida.

[...] Olha, a contribuição do Brasil é muito vasta. Disse que, quem já tem uma longa experiência no trabalho, em uma determinada área, tem sempre muito a dar. Porque quem está a começar agora ainda é tudo estranho para ele, é novo. O Brasil ainda tem muito a contribuir. Não só porque ficou fincado e desde sempre, desde o início desta nossa atividade. Nós não estamos aqui para a transferência de conhecimento, mas nós estamos aqui para criar algo em função daquilo que já tem sido feito no Brasil e fazemos esta simbiose relativamente ao conhecimento. Então, o contato com as pessoas que já estão no laboratório há muito tempo, a partilha em termos de pesquisas, em termos de material bibliográfico, em termos de contato direto relativamente, as pesquisas que estão sendo desenvolvidas aqui, as pesquisas que estão sendo desenvolvidas lá, a realização das pesquisas em conjunto entre o Brasil - UFMG e a Universidade 11 de Novembro, no caso particular o ISCED, a mobilidade docente e discente, ainda poderão ser elementos necessários para fortalecer o Laboratório de Psicologia, Psicanálise e Educação da UON. Então, eu acho que ele [Brasil] tem muito a dar. Também porque nós não es-

tamos numa relação indireta. Nós estamos num paralelismo. Este paralelismo se deve continuar, no sentido de que aquele que está um pouquinho mais a frente tem sempre alguma coisa a dar, para que também de alguma maneira o outro não passe pelas peripécias que a outra pessoa (Brasil) passou. Olha, nós já fizemos este caminho e este caminho não deu em nada. Então, de preferência para que vocês passem por isso porque nós já temos esta experiência, e, claro, esta experiência nos falou melhor. Isto é muito bom. Isto vem elevar cada vez mais ainda o trabalho e também já dar um outro olhar sobre o trabalho que nós estamos a fazer. Isto é que gera o desenvolvimento, é que gera o conhecimento, é que vai dando os outros elementos para a melhoria do trabalho que está sendo feito nas duas instituições. (Coordenador do GT de Ensino)

O Brasil que já tem grande experiência na área de ensino e educação, o Brasil também não é um país europeu. É aí que podemos encontrar uns pontos de coordenadas entre África e o Brasil. Eu gostaria que com a vossa experiência poderia dar um impulso. Porque vocês já tenham vencido estes problemas que já têm lá. Porque existe também a cultura lá e venham encontrar soluções para estes problemas. Creio que eles podem, pelo menos ao nível dos instrumentos e nos níveis dos métodos, creio que o Brasil pode nos ajudar a encontrar vias. (Coordenador do GT de Publicação)

Elegemos essas duas narrativas porque elas, de certo modo, complementam-se, ao mesmo tempo em que apontam aspectos significativos que devem ser explorados. O primeiro discurso, especificamente, nos chama atenção pelo sentido que é atribuído ao laboratório, como algo “novo”, incipiente, incomum, logo parecia ainda ser “estranho”, necessitando de certo conhecimento prático para torná-lo familiar, tanto para os professores no seu cotidiano, como para os cabindenses. Se analisarmos do ponto de vista dos contrastes, em nossa realidade universitária, a prática e as rotinas com laboratórios de pesquisas têm sido um lugar no qual o aluno desde a graduação vai aprendendo o ofício de se tornar pesquisador, por meio da iniciação científica, além das rotinas próprias de uma universidade pública que desenvolve o ensino, a pesquisa e a extensão.

Diante disso, eis a razão para o professor entrevistado colocar o Brasil em dupla posição: lugar de experiência, para poder indicar alternativas aos coordenadores dos GTs, sugerir possibilidades e, por outro lado, a percepção positiva de que não se trata de uma “transferência de conhecimento”, já que os professores não estão “numa relação indireta”, ou seja, em posição de assimetria, submissão. Pelo contrário, é em razão da horizontalidade estabelecida sem colonialismos nas relações de trabalho, res-

peitando seus modos de socialização, construídos nas missões de estudo e trabalho, que foi possível desenvolver esse claro significado sobre a possibilidade de se estabelecer diálogo entre as duas universidades.

Diante da narrativa, apresentada pelo coordenador do Grupo de Trabalho de Ensino, esses fatos reforçam o sentido atribuído pelo coordenador do GT de Publicação, segundo o qual “o Brasil não é um país europeu”, situação que justifica ter vivenciado processos de colonização semelhantes, com as devidas ressalvas. Esse discurso torna-se bastante esclarecedor, pois o professor pensa que essas semelhanças culturais servem como “pontos de coordenadas entre a África e o Brasil”. São essas evidências históricas e socioculturais que possibilitam “encontrar soluções” para problemas sociais de Cabinda, por meio de “instrumentos” e “métodos” que o Brasil já dispõe em razão da longa “experiência” com a pesquisa e as políticas públicas.

A diferença constatada, pelo fato de o Brasil não ser um país europeu, soa como uma crítica à estrutura colonial de poder e vai exatamente na contramão da visão de muitos pesquisadores, os quais aderem facilmente ao pensamento hegemônico europeu e etnocêntrico. Isso ilustra o que Maia (2017, p. 103) considera como “o bom e velho eurocentrismo, que, a despeito de ser apontado e criticado, continua a dar as cartas nas construções teóricas, nas formulações de conceitos e nos indicadores simbólicos de prestígio intelectual nas ciências humanas em geral”.

Consideração Finais

A parceria entre Brasil e Angola, que aconteceu pela implementação de um Laboratório de Psicologia, Psicanálise e Educação, em Cabinda, financiado pela CAPES, tende a reforçar os esforços de uma política de cooperação internacional que visa fortalecer acima de tudo o perímetro do Atlântico Sul. Abdenur e Souza Neto (2014) consideram que, embora esses vínculos já existissem, atualmente expressam maior intensidade, pois têm sido objeto de uma articulação crescente entre as políticas externa e de defesa brasileiras. Assim, o Atlântico Sul assume nova importância geopolítica e o Brasil utiliza a cooperação para promover a construção de uma identidade regional, inclusive intencionado pelas relações de poder nesse espaço. Logo, essa estratégia se baseia não apenas na promoção de interesses comuns aos países desse perímetro (Estados da costa ocidental da África, como Angola, Nigéria e África do Sul), mas também na tentativa de minimizar o envolvimento de atores externos, destacando a responsa-

bilidade dos países da região.

Em relação à cooperação fomentada pela internacionalização dos programas de pós-graduação, por meio da mobilidade acadêmica com a FaE/UFMG, auxiliamos o ISCED/UON a aprimorar seus conhecimentos sem colonialismos ou assistencialismos, mas, antes, com uma prática parceira, solidária e horizontal de intercâmbio e internacionalização.

Referências

ABDENUR, Adriana Erthal; SOUZA NETO, Danilo Marcondes de. O Brasil e a cooperação em defesa: a construção de uma identidade regional no Atlântico Sul. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 57, n. 1, 2014, p. 5-21. <https://doi.org/10.1590/0034-7329201400101>

ANGOLA. Decreto n.º 7/09, de 12 de maio. Estabelece a reorganização da rede de instituições de ensino superior públicas, a criação de novas IES e o redimensionamento da Universidade Agostinho Neto (UAN). **Diário da República**, 12 maio 2009.

BEMBE, Miguel César Domingos. **A questão de Cabinda uma visão estratégica: evolução da situação e cenários de futuro**. Lisboa: Edição de Angola, 2013.

BRÁS, Chocolate Adão; DIVOVO, Miguel Domingos. Ensino superior em Angola: realidade e desafios na 4ª República. **Revista de Educação da Universidade Pedagógica**, v. 7, n. 28, dez. 2017.

BROWN, Phillip.; LAUDER, Hugh. Globalização econômica, formação de habilidade e as consequências para o ensino superior. In: APPLE, Michael W.; BALL, Stephen J.; GADIN, Luís Armando. (Orgs.). **Sociologia da educação: análise internacional**. Porto Alegre: Penso, 2013, p. 256 – 267.

BUZA, Alfredo Gabriel. Por um ensino superior de qualidade nos países e regiões de língua portuguesa. In: CONFERÊNCIA DO FORGES – FÓRUM DA GESTÃO DO ENSINO SUPERIOR NOS PAÍSES E REGIÕES DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2, 2012. Macau: Instituto Politécnico de Macau, 2012.

CANGA, Juliana Lando; BUZA, Alfredo Gabriel. **Gestão do ensino superior em Angola os desafios endógenos e exógenos.** In: CONFERÊNCIA DO FORGES – FÓRUM DA GESTÃO DO ENSINO SUPERIOR NOS PAÍSES E REGIÕES DE LÍNGUA PORTUGUESA, 5, 2015. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2015.

CHOCOLATE, Francisco Antonio Macongo; BRÁS, Chocolate Adão. Políticas e acções de extensão universitária na Universidade Onze de Novembro. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM ANGOLA, 1, 2018, Caxito. **Actas...** Caxito: Escola Superior Pedagógica do Bengo/ Mayamba Editora, 2018. p. 49-63.

DUARTE, Roberto Gonzalez et al. O papel dos relacionamentos interpessoais na internacionalização de instituições de ensino superior. **Educação em Revista**, v. 28, n. 1, mar. 2012.

FLICK, Uwe. Entrevista episódica. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 114-136.

GAZZOLA, Ana Lúcia Almeida. Conhecimento e globalização. In. GAZZOLA, Ana Lucia Almeida; ALMEIDA, Sandra Goulart. **Universidade: cooperação internacional e diversidade.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 49-54.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOMES, Maria de Fátima Cardoso; NEVES, Vanessa Ferraz Almeida; DOMINICI, Isabela Costa. A psicologia histórico-cultural em diálogo: a trajetória de pesquisa do GEPSA. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 27, n. 1, p. 44-49, jan./abr. 2015. <https://doi.org/10.1590/1984-0292/1354>

GREEN, Judith L.; DIXON, Carol N.; ZAHARLIC, Amy. A etnografia como lógica de investigação. **Educação em Revista**, n. 42, p. 13-79, 2005.

JEZINE, Edineide. As práticas curriculares e a extensão universitária. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA BELO HORIZONTE, 2, 2004, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2004.

MAIA, João Marcelo Ehlert. Além da Pós-Colonialidade: a sociologia periférica e a crítica ao eurocentrismo. **Cadernos de Estudos Culturais**, v. 5, n. 9, p. 103-70, jan./jun. 2017.

MELFI, Adolpho José. Universidade, cooperação internacional e diversidade. In: GAZZOLA, Ana Lucia Almeida; ALMEIDA, Sandra Goulart. **Universidade: cooperação internacional e diversidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 57-60.

PANIZZI, Wrana Maria. Cooperação internacional: solidariedade e diálogo entre iguais? In: GAZZOLA, Ana Lucia Almeida; ALMEIDA, Sandra Goulart. **Universidade: cooperação internacional e diversidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 61-68.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SANTIN, Dirce Maria; VANZ, Samile Andrea de Souza; STUMPF, Isa Regina Chittó. Internacionalização da produção científica brasileira: políticas, estratégias e medidas

de avaliação. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 13, n. 30, jan./abr. 2016. <https://doi.org/10.21713/2358-2332.2016.v13.923>

VÉRAS, Renata Meira; SOUZA, Gezilda Borges de. Extensão universitária e atividade curricular em comunidade e em sociedade na Universidade Federal da Bahia. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 7, n. 2, p. 83-90, jul./dez. 2016.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Obras escogidas**. Madrid: Aprendizaje Visor y Ministerio de Educación y Ciencia, 1991. Tomo 1.

Submissão em: 08-10-2018

Aceito em: 26-11-2018